PLATÃO ESQUECEU O SER? UMA LEITURA HEIDEGGERIANA DA ONTOLOGIA PLATÔNICA*

DID PLATO FORGET BEING? A HEIDEGGERIAN READING OF PLATONIC ONTOLOGY

Tiago José Quadros Pereira**

RESUMO

A noção de ser em Platão é reinterpretada a partir da leitura de Martin Heidegger, especialmente em *Ser e tempo* (2012), problematizando a ideia de "esquecimento do ser" na tradição metafísica. A análise do ser no *Sofista* (Platão, 2011), entendido como potência, e em *A república* (Platão, 2001), associado à inteligibilidade e ao conhecimento verdadeiro, evidencia sua centralidade na ontologia platônica. A crítica heideggeriana aponta, porém, que essa tradição tende a reduzir o ser ao ente enquanto presença e determinação conceitual. Nesse contexto, a proposta de retomada da questão do ser por meio da analítica do *Dasein* desloca o foco para uma compreensão mais originária da existência. Conclui-se que Platão não elimina a questão do ser, mas contribui para sua transformação histórica. Assim, *Ser e tempo* reabre o problema ontológico em novas bases.

PALAVRAS-CHAVE: Platão; Heidegger; metafísica; ser; ontologia.

ABSTRACT

The notion of Being in Plato is reinterpreted through the reading of Martin Heidegger, especially in *Being and time* (2012), problematizing the idea of the "forgetfulness of Being" in the metaphysical tradition. The analysis of Being in the *Sophist* (Plato, 2011), understood as potency, and in *The republic* (Plato, 2001), associated with intelligibility and true knowledge, highlights its central role in Platonic ontology. Heidegger's critique, however, argues that this tradition tends to reduce Being to beings as presence and conceptual determination. In this context, the attempt to retrieve the question of Being through the analytic of *Dasein* shifts the focus toward a more originary understanding of existence. It is concluded that Plato does not eliminate the question of Being, but contributes to its historical transformation. Thus, *Being and time* reopens the ontological problem on new grounds.

KEYWORDS: Plato; Heidegger; metaphysics; being; ontology.

* Comunicação recebida em 30/04/2026 e aprovada para publicação em 10/07/2026.

** Graduando em Teologia pela PUC Minas. Bacharel em Filosofia pela mesma universidade. Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: tiagoquad11@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A questão do ser ocupa um lugar central na história da filosofia ocidental, constituindo-se como um dos problemas mais fundamentais e, ao mesmo tempo, mais complexos do pensamento filosófico. Desde os pré-socráticos até a tradição contemporânea, o esforço de compreender o que significa "ser" atravessa diferentes sistemas e perspectivas, assumindo formas diversas ao longo do tempo. Nesse contexto, a filosofia de Platão representa um momento decisivo, uma vez que articula o problema do ser com questões como conhecimento, verdade e realidade, estabelecendo as bases da metafísica ocidental.

No entanto, é precisamente essa tradição que será questionada por Martin Heidegger, sobretudo em sua obra *Ser e tempo* (2012), ao afirmar que a questão do ser foi progressivamente esquecida ao longo da história da filosofia. Segundo o filósofo, embora o ser tenha sido tematizado desde os gregos, ele passou a ser compreendido de forma derivada, sendo reduzido ao ente enquanto presença e apreendido a partir das estruturas da linguagem e da predicação. Esse diagnóstico levanta uma questão decisiva: em que medida a filosofia de Platão, enquanto marco fundador da metafísica, contribui para esse processo de esquecimento?

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo analisar a noção de ser em Platão a partir de uma leitura heideggeriana, investigando se é possível afirmar que há, em sua filosofia, um esquecimento do ser. Para tanto, inicialmente examina-se como o ser é concebido nos diálogos platônicos, especialmente no *Sofista* (Platão, 2011) e em *A república* (Platão, 2001). Em seguida, apresenta-se a crítica de Heidegger à tradição metafísica, destacando o modo como o ser é progressivamente reduzido ao ente. Por fim, discute-se a proposta heideggeriana de retomada da questão do ser em termos mais originários, buscando evidenciar os limites e as contribuições da filosofia platônica nesse contexto.

Assim, mais do que oferecer uma resposta definitiva, este estudo procura contribuir para a compreensão de um problema que permanece aberto na filosofia: a necessidade de repensar o sentido do ser para além das determinações tradicionais, reconduzindo o pensamento à sua dimensão mais originária.

DEFINIÇÃO DO SER

Antes de adentrarmos propriamente no pensamento de Martin Heidegger, é necessário esclarecer, ainda que de modo introdutório, o que se entende por "ser" em Platão. Tal tarefa, contudo, está longe de ser trivial. Isso porque Platão não oferece uma definição sistemática e unívoca do ser, como se pudesse ser capturado por um conceito fechado. Ao contrário, o problema do ser emerge em seus diálogos de maneira progressiva, articulado a diferentes questões – como o conhecimento, a verdade, a linguagem e a própria estrutura da realidade. Assim, qualquer tentativa de definição exige um movimento interpretativo que percorra diferentes textos e contextos, reconhecendo que o "ser" em Platão não é um conceito isolado, mas um eixo estruturante de sua metafísica.

No diálogo *Sofista* (Platão, 2011), encontramos a formulação mais explícita de uma definição de ser. Afirma o Hóspede de Eleia (247d7-247e11):

> Teeteto – Mas, qual coisa? Dize e talvez fiquemos sabendo.
> Hóspede de Eleia – Digo que, na verdade, o que quer que seja que possua qualquer espécie de potência, quer para produzir outra coisa, de qualquer natureza, quer para ser afectado, ainda que minimamente, pela ação da coisa mais insignificante, mesmo que seja uma só vez, tudo isso realmente é; pois postulo como delimitação dos seres aquilo que nada mais é senão potência.
> Teeteto – Mas, uma vez que eles mesmos não podem, no momento presente, dizer algo melhor, aceitam isso.
> Hóspede de Eleia – Ótimo! Pois talvez mais tarde, tanto a nós quanto a esses aí, possa aparecer outra coisa; então, que isto fique de momento acordado entre nós (Platão, 2011, p. 221).

Essa passagem é decisiva porque desloca profundamente a compreensão tradicional do ser herdada da tradição eleática, especialmente de Parmênides, para quem o ser era uno, imóvel e absolutamente idêntico a si mesmo. Ao definir o ser como *δύναμις* (*dýnamis)* – potência –, Platão introduz uma dimensão dinâmica e relacional no interior da ontologia. Ser não é mais apenas aquilo que permanece idêntico, mas aquilo que possui a capacidade de entrar em relação – seja afetando, seja sendo afetado. Com isso, o ser deixa de ser pensado exclusivamente em termos de substância estática e passa a ser compreendido a partir de sua operatividade. Essa redefinição é estratégica no contexto do diálogo, pois permite a Platão enfrentar o problema do não-ser sem incorrer em contradição: ao admitir que o ser envolve relação e diferença, torna-se possível pensar o "outro" e, consequentemente, o falso, o erro e a aparência.

Entretanto, essa não é a única via pela qual Platão aborda o problema do ser. Em *A república* (Platão, 2001), sobretudo no Livro V, o ser aparece articulado à problemática do conhecimento, assumindo um estatuto mais propriamente ontológico-epistemológico. No trecho 476e11-477c6, lemos:

> Sócrates – Que existe ou que não existe?
> Glauco – Que existe. Pois como é que havia de conhecer-se alguma coisa que não existe?
> Sócrates – Temos então este fato suficientemente seguro, ainda que nos coloquemos noutros pontos de vista, de que o que existe absolutamente é absolutamente cognoscível, e o que não existe de modo algum é totalmente incognoscível?
> Glauco – Mais que suficientemente.
> [...]
> Sócrates – Portanto, a ciência, uma vez que respeita por natureza ao Ser, destina-se a conhecer aquilo que é (Platão, 2001, p. 257).

Nesse contexto, em Platão, o ser é aquilo que é plenamente cognoscível, isto é, o objeto do conhecimento verdadeiro (*ἐπιστήμη – episthéme*), em contraste com o domínio sensível, marcado pela instabilidade e pela mudança. Assim, Platão distingue o ser (*τὸ ὄν – tò ón*) (cognoscível), o não-ser (*τὸ μὴ ὄν – tò mè ón*) (incognoscível) e um nível intermediário, próprio da opinião (*δόξα* – dóxa), que diz respeito ao que simultaneamente é e não é. À luz da Teoria das Ideias, o ser identifica-se com as Formas – realidades imutáveis, eternas e inteligíveis – enquanto os entes sensíveis apenas participam delas, de modo que, n'*A república*, o ser se associa à inteligibilidade e à permanência, em oposição ao devir: "[...] as Ideias não são, por conseguinte, simples conceitos ou representações mentais. Não são simples pensamentos, mas aquilo que o pensamento pensa quando liberto do sensível. Constituem o verdadeiro ser, o ser por excelência. São as essências das coisas" (Nodari, 2004, p. 360).

Em contrapartida, Martin Heidegger (2012), logo no §1 de *Ser e tempo*, não oferece uma definição positiva do ser, mas explicita o estatuto singular desse conceito, evidenciando a dificuldade – e, ao mesmo tempo, a necessidade – de recolocar a questão do ser em termos mais originários. Ele destaca três características fundamentais:

> 1. O "ser" é o conceito mais universal: *τὸ ὂν ἐστι καθόλου μάλιστα πάντων*. *Illud quod primo cadit sub apprehensione est ens, cuius intellectus includitur in omnibus quaecumque quis apprehendit*. Assim, uma compreensão do ser já está sempre incluída em tudo aquilo que se apreende no ente [...]
> 2. O "ser" é um conceito indefinível. Isso decorre de sua suprema universalidade, pois toda definição se dá por gênero próximo e diferença específica. Ora, o ser não pode ser concebido como um ente entre outros: *enti non additur aliqua natura*. Não é possível determinar o ser atribuindo-lhe uma natureza ente, sob pena de reduzi-lo indevidamente ao nível do que ele próprio torna possível [...]

> 3. O "ser" é aquilo que já é, de algum modo, compreendido. Em todo conhecer, enunciar ou comportar-se em relação aos entes, faz-se uso do ser, e essa compreensão ocorre "sem mais", isto é, de maneira pré-reflexiva e pré-ontológica [...] (Heidegger, 2012, p. 38-39).

Essas três determinações mostram que o ser, para Heidegger, não é um objeto entre outros, nem um conceito que possa ser simplesmente definido, mas aquilo que sempre já está implicado em toda relação com os entes. No entanto, justamente por essa familiaridade imediata, o ser tende a permanecer esquecido, encoberto pela atenção dirigida exclusivamente aos entes. É nesse sentido que Heidegger falará de um "esquecimento do ser" na história da metafísica ocidental.

2 PLATÃO E HEIDEGGER: O PERCURSO DA QUESTÃO DO SER

2.1 O esquecimento do ser na tradição metafísica

A partir do percurso já desenvolvido, o problema do "esquecimento do ser" pode ser compreendido não como uma ausência da questão em Platão, mas como um deslocamento decisivo na maneira de pensá-la. Nesse sentido, a leitura de Martin Heidegger aponta para um diagnóstico histórico da metafísica ocidental, segundo o qual a questão do ser, embora inicialmente inaugurada pelos gregos, acabou sendo progressivamente encoberta:

> Mostrou-se desde o começo (§ 1) que a pergunta pelo sentido do ser não só não foi concluída, não só não se formulou de modo suficiente, mas, com todo o interesse pela "metafísica", caiu no esquecimento. A ontologia grega e sua história, a qual, através de uma multiplicidade de filiações e distorções, ainda hoje determina a conceituação da filosofia, é a prova de que o *Dasein* se entende e entende o ser em geral a partir do "mundo" e de que a ontologia que assim nasceu decaiu na tradição (Heidegger, 2012, p. 85).

Essa afirmação permite compreender que o problema não reside na ausência da temática do ser, mas no modo como ela é abordada: o ser passa a ser pensado de forma derivada, a partir dos entes e de sua presença no mundo. Desse modo, aquilo que deveria constituir o horizonte originário de inteligibilidade é reduzido ao que aparece e pode ser determinado. É precisamente nesse quadro que se insere a filosofia de Platão, cuja elaboração conceitual, ao mesmo tempo que inaugura a reflexão ontológica, estabelece as bases que irão orientar – e, em certa medida, limitar – o desenvolvimento da tradição metafísica posterior. Como observa Martins (2023, p. 165):

> Logo, Platão associa os gêneros à predicação: como tudo aquilo que pode se predicar do Ser, que por sua vez, é dividido em gêneros. Para ele, há predicações válidas e inválidas. Como inicialmente é a linguagem que se acomodaria ao Ser como presença e não o inverso, ele tenta apresentar as distinções no Ser a partir dos gêneros, os quais representariam conjuntos específicos de predicação. O mundo seria, então, composto por gêneros gerais e particulares, sendo o Ser o gênero mais geral.

A partir dessa leitura, percebe-se que, em Platão, o ser passa a ser compreendido dentro de uma estrutura lógica ligada ao *λόγος* (*lógos*) e à predicação. Isso significa que o ser é pensado a partir daquilo que pode ser dito e definido sobre os entes, tornando-se algo acessível principalmente por meio de conceitos. Com isso, a ontologia passa a depender das condições da linguagem, e o ser tende a se identificar com aquilo que é estável, inteligível e determinável, como ocorre na teoria das Ideias. Para Martin Heidegger, é justamente aí que começa o esquecimento do ser: não porque ele deixe de ser tratado, mas porque passa a ser reduzido ao que pode ser conceituado e dito, deixando de lado sua dimensão mais originária, isto é, aquilo que possibilita o próprio aparecer dos entes.

Nesse contexto, o problema central da tradição metafísica não é a ausência da questão do ser, mas a sua progressiva redução ao âmbito do ente. Ao privilegiar aquilo que pode ser conhecido, definido e dito, a filosofia acaba por tomar o ser como algo evidente, já dado, sem questionar o seu sentido mais fundamental: “Mas quando o prisioneiro alcança a superfície e vê os entes sob a luz do Sol, estes são mostrados claramente e sua distinção é evidente. Na evidência, o próprio ente se mostra retamente à percepção” (Debatin, 2018, p. 63). Com isso, o ser deixa de ser interrogado como condição de possibilidade de toda manifestação e passa a ser compreendido apenas a partir dos entes que aparecem. É nesse contexto que Heidegger propõe uma retomada radical da pergunta pelo ser, buscando ultrapassar essa redução e reconduzir o pensamento a uma experiência mais originária, na qual o ser não seja simplesmente um conceito, mas aquilo que se desvela na própria relação entre o homem e o mundo.

2.2 A retomada heideggeriana e a releitura de Platão

A crítica heideggeriana à tradição metafísica não implica uma rejeição pura e simples de Platão. Como destaca Ernildo Stein (2004, p. 29), a relação de Martin Heidegger com a tradição é mais complexa e envolve um movimento simultâneo de retomada e deslocamento:

> Vimos, no começo, que Heidegger abre *Ser e tempo* com uma citação do Sofista de Platão. Nela se trata da expressão "ente". Com isso, podemos perceber que Heidegger encontra, na filosofia platônica, o problema da formação de conceitos filosóficos. É, aliás, desta formação de conceitos que tratam as melhores páginas da leitura heideggeriana dos diálogos. O filósofo confronta Aristóteles e Platão, através da questão de trazermos os conceitos de volta, do mundo das ideias para o mundo sublunar. É nesta situação, aqui embaixo, que temos que encontrar uma relação com a verdade, um *lógos* próprio e, assim, também para a estrutura desta situação, modos próprios de ser.

Essa observação permite compreender que a crítica de Heidegger não visa simplesmente superar Platão, mas reler sua filosofia a partir de uma questão mais originária. Ao identificar, nos diálogos platônicos, o problema da formação dos conceitos, Heidegger mostra que a tradição não apenas encobre o ser, mas também preserva, ainda que de modo implícito, a possibilidade de sua retomada. Assim, o gesto heideggeriano consiste menos em ruptura do que em recondução: trata-se de retornar aos textos fundadores para neles reencontrar a questão do ser em seu estado nascente, antes de sua fixação em estruturas conceituais rígidas.

Dessa forma, à luz do título proposto – *Platão esqueceu o ser?* –, a resposta exige nuance. Platão não ignora o ser; ao contrário, ele o tematiza de modo decisivo. No entanto, ao vinculá-lo à inteligibilidade, à permanência e à estrutura lógica da predicação, acaba por inaugurar uma tradição que, segundo Heidegger, conduz ao seu esquecimento. Trata-se, portanto, não de uma falha individual, mas de um processo histórico no qual o ser é progressivamente reduzido ao ente enquanto presença, tornando necessária uma retomada radical da questão ontológica na filosofia contemporânea.

Nesse horizonte, a proposta heideggeriana ganha sua força própria: ao invés de permanecer no nível das determinações abstratas, ela desloca a investigação para o âmbito da existência concreta. Isso significa que a questão do ser deve ser recolocada a partir do modo como o ser humano já se encontra implicado no mundo, e não a partir de construções puramente teóricas. Tal deslocamento permite recuperar a dimensão originária do ser, compreendida não como objeto de definição, mas como aquilo que se manifesta na experiência vivida. Como o próprio Heidegger (2012, p. 507) afirma:

> O ser-no-mundo é uma estrutura originária e um todo constante [...]. A visão do todo do fenômeno, que foi dada inicialmente, agora perdeu o que um primeiro delineamento tem em geral de vazio. É certo que a multiplicidade fenomênica da constituição do todo estrutural e do seu cotidiano modo-de-ser pode facilmente desencaminhar o olhar fenomenológico unitário em busca do todo como tal. Mas esse olhar unitário deve permanecer o mais livre possível e o mais seguro, agora que

> fazemos a pergunta a que tende em geral a análise fundamental preparatória do *Dasein*: como a totalidade do todo-estrutural mostrado deve ser determinada do ponto de vista ontológico existenciário?

Essa passagem explicita que o acesso ao ser exige uma mudança metodológica decisiva: é preciso manter um olhar unitário sobre a totalidade do fenômeno, sem reduzi-lo a suas partes isoladas ou a categorias previamente estabelecidas. Assim, a análise do *Dasein* não busca uma definição estática, mas uma compreensão estrutural da existência, na qual o ser se revela como horizonte de sentido. Desse modo, a ontologia fundamental proposta por Heidegger procura restituir à questão do ser sua radicalidade, reconduzindo-a ao campo da experiência originária onde, de fato, ela se deixa entrever.

CONCLUSÃO

A análise desenvolvida mostra que Platão não apenas tematiza o ser, mas o faz de modo decisivo, seja ao concebê-lo como potência no *Sofista* (Platão, 2011), seja ao vinculá-lo à inteligibilidade e ao conhecimento verdadeiro em *A república* (Platão, 2001). Nesse sentido, esse filósofo está longe de ignorar a questão ontológica; ao contrário, ele estabelece os fundamentos a partir dos quais toda a tradição metafísica ocidental irá se desenvolver.

Entretanto, a leitura de Martin Heidegger permite evidenciar que, justamente nesse movimento fundacional, ocorre também um deslocamento decisivo: o ser passa a ser compreendido no horizonte da presença, da inteligibilidade e da predicação. Ao ser progressivamente associado àquilo que pode ser conhecido, dito e conceitualmente determinado, o ser perde sua dimensão mais originária, isto é, seu caráter de condição de possibilidade para o aparecer dos entes. Assim, o chamado "esquecimento do ser" não consiste em sua ausência, mas em sua redução a categorias derivadas que o encobrem.

Desse modo, a tradição metafísica, inaugurada em grande medida por Platão, revela uma ambiguidade fundamental: ao mesmo tempo que abre o horizonte da pergunta pelo ser, também contribui para o seu encobrimento. É precisamente essa ambiguidade que justifica o gesto heideggeriano de retorno à tradição, não para negá-la, mas para reinterpretá-la a partir de uma questão mais originária. Nesse contexto, a analítica do *Dasein* e a noção de ser-no-mundo indicam um caminho alternativo, no qual o ser não é apreendido como objeto ou conceito, mas como aquilo que se desvela na própria existência.

Conclui-se, portanto, que Platão não "esquece" o ser em sentido estrito, mas participa de um processo histórico mais amplo no qual o ser é progressivamente obscurecido pela

centralidade atribuída ao ente. A contribuição de Heidegger consiste justamente em tornar visível esse processo e em reabrir a questão ontológica em sua radicalidade. Assim, mais do que um julgamento sobre Platão, o problema do esquecimento do ser revela-se como uma tarefa filosófica ainda em aberto: a de reconduzir o pensamento à experiência originária na qual o ser pode novamente ser interrogado em seu sentido mais próprio.

REFERÊNCIAS

DEBATIN, Gabriel. Ἀλήθεια como desvelamento: Heidegger sobre o conceito de verdade em Platão e consequente crítica. **Synesis**, Petrópolis, v. 10, n. 1, p. 59-74, jan./jul. 2018.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012.

MARTINS, Vitor Ian Miranda. Heidegger e Platão: da essência da técnica ao questionamento do sentido de essência. **Polymatheia, Revista de Filosofia**, Fortaleza, v. 16, n. 1, p. 153-180, jan./jun. 2023.

NODARI, Paulo César. A doutrina das Ideias em Platão. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 31, n. 101, abr. 2004.

PLATÃO. **A república**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

PLATÃO. **Sofista**. Tradução de Henrique Murachco; Juvino Maia Júnior. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkia, 2011.

STEIN, Ernildo. Heidegger e Platão. **Veritas**, Porto Alegre, v. 49, n. 1, p. 23-30, mar. 2004.